

À Biblioteca Pública de
Braga

TRIBUNA LIVRE

18
NOVEMBRO
1961

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — AMARES

Não posso deixar de admirar

O progresso crescente da vossa Pátria

Sob a orientação do actual Governo que, à semelhança do espanhol, luta pela paz e bem-estar do seu povo — declarou o Reitor-Mor dos Salesianos que ontem regressou a Roma

No avião da Canadian Pacific regressou ontem a Roma o Superior-Geral dos Salesianos, Padre Renato Ziggiotti, o quinto sucessor de D. Bosco, que veio em visita oficial ao nosso País, onde foi condecorado pelo Chefe do Estado com a grã-cruz da Ordem de Benemerência.

Momentos antes de partir, não quis deixar, o rev.º Padre Renato Ziggiotti, de confiar aos jornalistas as últimas impressões sobre a sua visita.

Rodeado pelo corpo docente salesiano no nosso País, o Superior-Geral declarou:

«Parto encantado com as belezas da vossa terra, principalmente da cidade de Lisboa, que lembra o estilo clássico do tempo em que Portugal dominou o Mundo e, sobretudo, com a riqueza dos monumentos históricos que superam os da antiga Roma pela sua boa conservação e aspecto medieval e moderno e que o vosso Governo com visão esclarecida soube restaurar.

«Não posso deixar de admirar o progresso crescente da vossa Pátria, sob a orientação do actual Governo que, à semelhança do espanhol, luta pela Paz e bem-estar do seu povo.

«Nas minhas viagens pelo Mundo, sobretudo pelo Brasil, Goa e Macau, pude aquilatar a grandeza da alma do povo lusitano que soube levar por toda a parte o amor a Cristo e à Pátria.

«Quando chegar mandarei imprimir tudo o que diz res-

ESTRADA

Feira Nova - Proselo

Acaba de ser concedida a participação para a estrada Feira Nova-Proselo, cujo orçamento é de 180.000\$00.

Trata-se de uma obra do maior alcance e interesse e que vem beneficiar uma freguesia que não era servida por outra estrada.

peito a Fátima, á sua Mensagem e aos pastorinhos, para torná-la mais conhecida no Mundo.

«Portugal e a Espanha deixaram um rasto imperecedouro da sua passagem pelo Globo, e por isso mesmo é indispensável que o mundo salesiano a conheça, sobretudo no capítulo tão extraordinário da acção missionária e evangelizadora.

«Levo as mais gratas impressões

(Continua na 3.ª página)

O Presidente Américo Thomaz visita oficialmente a Espanha na próxima semana

O Presidente Américo Thomaz visita oficialmente a Espanha dentro de dias.

O Ministro dos Negócios Estrangeiros comunicou que, correspondendo ao convite oportunamente feito por Sua Excelência o Generalíssimo Franco, Chefe do Estado espanhol, Sua Excelência o Presidente da República visitará oficialmente a Espanha, de 21 a 24 do corrente mês».

Trata-se da primeira visita oficial realizada ao estrangeiro pelo contra-almirante Américo Thomaz, desde que foi eleito, em Junho de 1958, Presidente da República.

O Presidente Américo Thomaz deverá ainda visitar oficialmente, este ano, a Ilha da Madeira.

A GUINÉ PORTUGUESA

Continuação do número anterior

Conquanto dispendiosos em ingente esforço para conter e dominar as turbulentas e agueridas tribus — e levar a cabo a pacificação da Guiné — muito mais elevado seria se não soubessemos explorar as contínuas rivalidades — que dicidiam os negros — em nosso proveito.

É certo que, por vezes, essas rivalidades, por ofenderem o nosso prestígio e a nossa Soberania, nos custavam muitos sacrifícios e vidas.

Devido a desinteligências sangrentas entre os felupas de várias povoações, organizou-se uma Coluna para restabelecer a ordem, que seguiu para Bolor, no vapor «Bissau».

A 30 de Dezembro de 1878, desembarcou parte dessa Coluna e quando alguns soldados se preparavam para o «rancho» foram atacados traiçoeiramente pelos felupas e a força desembarcada, tomada de pânico, procurou a salvação no vapor, mas este parecia enalhado e toda a Coluna foi massacrada com o tenente Calisto dos Santos e o alferes Sousa, salvando-se, apenas quatro soldados.

Na nossa secular colonização da Guiné temos tido chefes indígenas de uma dedicação sem limites e da máxima lealdade, mas alguns houve que — dizen-

por Porfirio de Sousa

do-se nossos amigos — nos traíram miseravelmente.

Infali Sancó, Régulo dos Beafadas, de Cuor, que ascendeu aquele lugar com a sanção do nosso Governo, foi um dos símbolos de maior traição — tendo-nos jurado a maior lealdade — fomos ao ponto de lhe confiarmos 40 espingardas e 80.000 cartuchos — e por fim

(Continua na 4.ª página)

ROMANCE OU NOVELA?

(Continuação do número 295)

«Sei também que não deixarás de dar ao pai a coragem necessária para poder suportar esta imposição do meu destino»

«Procurei afastá-lo muitas vezes, mas uma força estranha radicava no meu espírito com mais violência a pertinaz ideia de sair dessa casa e procurar mais longe uma felicidade desconhecida»

Notava-se na carta de Cecília uma saudade que procurava disfarçar levemente e ao mesmo tempo uma surpreensão no destino que tinha fatalmente de a conduzir a sorver em longos tragos a essência de uma vida rodea-

da de falsos e nefastos prazeres.

No entanto Natália não a abandonava e também escrevia aos pais de Cecília relatando com minuciosidade toda a viagem e mais uma vez lhe garantia aconselhar a filha e procurar por todos os meios e sem perigo pô-la em contacto directo com tudo que ela julgava constituir bem estar e satisfação material.

As cartas de Cecília eram constantes para a mãe, mas o dia esperado por esta não chegava.

Cecília já tinha frequentado teatros, cinemas, dancin-

bastava para mobilizar contra o seu génio a acção retardadora e tantas vezes suicida da rotina.

Perseguido, banido, não recua, não treme, não deixa de estudar, de observar, de compilar e de construir, quase sozinho, um monumento de sabedoria médica que, ainda no seu tempo, embora já no fim da sua vida, lhe valera o aplauso de muitos eruditos, e, por fim, a estima geral. Meio milénio depois da sua partida da Terra, no abraço gelado da morte, ainda a sua memória vive na consciência dos que acreditam e prestam sempre homenagem aos altos valores morais e espirituais do Homem.

Nasceu Amato Lusitano na muito nobre cidade de Caste-

Continua na 5.ª página

Santa Casa da Misericórdia

Por motivos imperiosos não pode realizar-se, no mês de Outubro, o cortejo de oferendas.

Vai o mesmo realizar-se no mês de Março próximo conforme acaba de deliberar a respectiva mesa.

(Continua na 4.ª página)

TRIBUNA AGRÍCOLA

Fainas agrícolas, no Minho

as malhadas do trigo

Não há dúvida de que copiar e usar tudo o que é de moda e dá das vistas — seja qual for a sua procedência, tenha esta ou aquela feição e seja ou não de preço acessível — assumiu entre nós foros de regra, para se não dizer costumeira; porém do que se usa como imitação do estrangeiro, mesmo que nos venha da indústria nacional, há casos de muito diminuta vantagem, e em que forçosamente se alteram costumes ou hábitos que representam características essenciais da vida particular e comum do nosso povo, nomeadamente nos aglomerados rurais adstritos ao granjeio da pequena propriedade. Isto é, certamente, contra-senso quando, hoje mais do que (nunca, precisamos de manter tradições radicadas), jamais se tal imitação traduz puro snobismo de megalomania afinal infrutífera...

Esta chaga snobre alastra em extensão e profundidade e até já se tornou crónica, onde devia sentir-se o efeito de melhor visão de quem, por larga experiência profissional, que longos decénios lhe deram na contínua faina de amarrar a terra, tivesse descortinado horizontes mais vastos e propícios mas cujos inconvenientes, todavia, se não afectam na sua base e economicamente a vida agrícola, nos acarretam males de outra ordem...

No ajuizar daqueles a quem cabe manter na vida agrícola, pelo menos parte da sua feição primitiva, tem havido deficiências que redundam em erros cometidos e a constituem um mal de tais proporções que para ser sanado exige uma específica farmacêutica da mesma grandeza.

Quer dizer que não se tem querido ou, à falta de boa visão, não se tem sabido destrinçar de um todo aquilo que convém e o que se torna prejudicial, para a continuidade de certos princípios que caracterizam, no Minho, a vida da gente da terra.

Outra maneira de ver, porém, exigem muitos dos costumes e hábitos que são afinal a base do rural tradicionalismo minhoto, tradicionalismo que uma espécie de ética popular fez criar em tempos de antanho e, sob sua influência, radicar, venerar e respeitar.

Na nossa era tudo se move num sentido evolutivo de espantoso progresso, mas em contrapartida afrouxa na sua aplicação — e disso não haja dúvida — essa ética instintiva do nosso povo: a maioria das actividades agrárias franqueou-

se demasiadamente ao progresso e assim essa praga de ferros engrenados e barulhentos entrou — e num à-vontade inconcebível — nas eiras minhotas, mesmo onde a lavoura é de espaço reduzido; substituíram-se ali os métodos primitivos pela debulhadora; daí o ir-se pondo fora de moda algo do que era pitoresco, no velho, sadio e típico ruralismo que o minhoto começa agora a abandonar, quando devia guardar ciosamente — pois é uma herança ancestral da maior valia — venerar e respeitar, o que equivale a dizer: defendê-lo e protegê-lo, quanto, quanto seja possível, onde quer que a lavoura do Minho actue ou de qualquer modo se encontre representada, na convicção de que hoje mais do que nunca, urge manter os métodos primitivos, para continuar de pé a tradição das eiras.

Mesmo assim, o pitoresco das malhadas sobrevive — uma ou outra eira ainda se enche, em Julho, de malhadores de boa tempera...

Efectivamente alguma coisa ainda revive, a estruturar o velho património etnográfico minhoto... Essa geração de malhadores arrojados e de boa tempera não se extinguiu de vez. Após ceifados os trigos, muitos daqueles que têm a sua velha arma de trabalho — como símbolo da sua profissão — a retemperar-se a um dos cantos da cozinha, com o fumo da lareira, para poder resistir ao ataque do minúsculo bicho roedor, esperam, durante os primeiros dias de Julho, ser chamados, por este ou aquele lavrador, para baterem a praga. Assim para extraírem o grão dourado das palhas, os malhadores não se furtam à luta com a intempérie, quando em Julho o sol das eiras é verdadeiro tormento. Porém esse ambiente pesado e mortificante que as inclemências solares criam, de mãos dadas com tudo o mais que na eira enfada e aflige, tão indiferentemente, é compensador bastante para lhes estimular o espírito e activar as energias físicas a despendê-lo, em horas prolongadas como o ataque à gramínea vai exigir...

O trigo, há dias emedado na eira, espera os malhadores, como numa previsão silente dos tormentos a sofrer, quando for batido; há que resignar-se à sua sorte, que, para se tornar útil a tantos milhões de seres, tem de submeter-se todos os anos e naquele mês

à lei do tempo e do seu destino.

Não é de mais um dia para consumir-se uma tarefa de tal envergadura. Por isso é preciso que não haja o menor desperdício de tempo... A alva já rompe por trás do monte da Figueiró, já para as bandas dos Feitos, a tingir de um vermelho-desmaiado-violáceo o horizonte, que de minuto a minuto se vai alargando, para além do cabeço afunilado de S. Mamede e dos contrafortes do monte da Franqueira. Mas, muito antes, já toda a aldeia despertou, ao som estridulo e confuso de uma algarviada de vozes e do bater dos tamaços ferrados dos malhadores, sobre as pedras do lastro dos caminhos de acesso à casa grande da localidade.

J. Soto Menor, pela pos-saunça de cabedal que lhe abarrota o cofre e fazenda vasta de que é possuidor, a estender-se por latifúndios largos, bem merecia que, na sua onomástica, «Soto» fosse adjectivado superlativamente, o que tornaria o seu nome de família mas apropriado a tais larguezas de torrão e «dinheirama», a constituir os 20% da área cultivável e bravia da sua aldeia. Como grande lavrador e legítimo detentor dum herança paterna das melhores, por estes sítios, é figura marcante — entre os da sua classe — na freguesia, vergõntea de bom tronco de família e do número daqueles homens — hoje raros — que sabem e querem proceder, em todos os seus actos, com a máxima correcção, sempre em conformidade com os ditames da justiça e que, sob o ponto de vista agrícola, levam a palma aos demais, como bons zeladores da sua fazenda e inigualáveis acumuladores das próprias economias.

É claro que para ser bom lavrador faz-se mister conhecer as frescas madrugadas; e, às quatro horas da manhã, o decano dos proprietários locais — a quem os anos de larga experiência de há muito levaram a pôr em prática as melhores normas administrativas que favoreceram o desenvolvimento da casa — já se encontra de pé, na cozinha, junto da mesa grande de pinho, a adoçar a garganta e a despertar o estômago, com uma chávena de café aromático, da «Casa Tomás», sua fornecedora habitual, nos dias da feira de Barcelos.

Entrementes que saboreia aquela bebida matinal e pensa no avultado número de

(Continua na 4.ª página)

Aos agricultores

ALVITRES Conselhos

Como no aproveitar... é que está o ganho! — vale a pena cuidar da destilação dos bagaços de uva.

Sabe-se que o rendimento da aguardente bagaceira depende, entre outros factores, principalmente da graduação alcoólica do vinho-mosto contido nas massas, do grau de espremedura dos bagaços, da sua conservação e ainda da perfeição do alambique e da técnica seguida no mesmo. É sobre este último aspecto que vimos dar a lume algumas indicações práticas, mas de grande utilidade.

Depois da prensagem, os bagaços devem ser pulverizados, porque assim são mais facilmente atravessados pelo vapor da água. A experiência mostra que, nestas condições, a destilação é mais rápida e o rendimento bastante superior. Temos verificado que 100 kg de bagaço dão em média, 14 litros de aguardente com 21.º Cartier.

Os caldeiros não devem receber massas além de $\frac{2}{3}$ da sua altura.

E a fornalha igualmente requer grande atenção da parte do operador.

É claro que, no decurso da operação, tanto a lentilha como o refrigerante devem ser abastecidos com água fria, de modo a permitir a condensação completa dos éteres alcoólicos e o arrefecimento da aguardente.

Como os resíduos da destilação, incluindo o rescaldo, contem uma apreciável quantidade de bitartratos, que a indústria química aproveita para a extracção do ácido tartárico e seus derivados, julga-se oportuno lembrar o aproveitamento de tais substâncias a que vulgarmente se chama «sarro».

Dada a riqueza dos bagaços destilados alvitra-se, depois de haverem sofrido a recagem, a sua associação aos estrumes. Também podem ser utilizados, quando bem secos (folhelho), na alimentação das aves e até do gado.

A vindima, tal como a safra da azeitona, constitui o termo da vida afanosa do agricultor e anima toda a nossa extensa mancha vitícola, desde a alva até à elegia violeta do ocaso, com características de autêntica festa nacional.

Ao fim de um ano de cansaças chega o momento de o vitivincultor receber compensações. Com a vindima recolhe, mas terá ainda, para conseguir todo o proveito, de observar os mandamentos seguintes:

— Usar material de transporte e de adega bem limpo e desinfectado, e munir-se dos aparelhos necessários para a análise de acidez e do açúcar dos mostos;

— Vendimar quando as uvas acusarem a mais conveniente composição sacarina e ácida;

— Preparar um bom fermento com uvas sãs, limpas e bem maduras, das castas mais estimadas e aromáticas;

— Corrigir a acidez dos mostos, quando necessário;

— Evitar que a temperatura de fermentação exceda 25.º C. nos vinhos brancos e 28.º C. nos vinhos tintos;

— Envasilhar os mostos de curtimenta quando se atinge o zero no glicómetro ou mil no mustímetro;

— Recorrer, antes da fermentação, ao gás sulfuroso, aplicando-o racionalmente.

E sempre que o leitor tenha qualquer dúvida, não hesite, recorra aos técnicos, porque a prática ligada à técnica constitui um elo indestrutível. Melhor a qualidade dos seus vinhos; de tal modo contribuirá para a valorização da economia nacional!

TRIBUNA LIVRE

é distribuída em Braga
no Quiosque Central
Largo do Barão de São
Martinho

PÊLOS

Destuição definitiva pelo processo
mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA

Visado pela C. de Censura

TRIBUNA do CONCELHO

CARTA DE LAGO

***** Meus caros amigos presentes e ausentes *****

Princípio anunciando-vos o falecimento de José da Costa Alves. Era solteiro, pedreiro natural do lugar de Santa Marta, onde residia e morreu. Tinha 71 anos e faleceu às 8 horas do dia 5-11-1961, sendo enterrado no cemitério de Lago, a 6-11-1961.

Feira e Festa de S. Martinho

No dia 10-11-61 realizou-se a Feira Franca de São Martinho. Estiveram presentes muitos animais racionais e irracionais.. Destes havia bois, vacas, ovelhas, porcos, galinhas, perús, coelhos e muita variedade de outras mercadorias. Fizeram-se muitas transacções e distribuíram-se prémios aos donos dos melhores animais cabendo o 1.º prémio de junta de bois ao senhor Domingos Faria Pereira, de Portela, Amares, e o 2.º prémio ao senhor Alfredo Correia da Silva, de Lago, Amares. O 1.º prémio de juntas de vacas pertenceu ao senhor António da Costa de Lago, Amares, e o 2.º prémio coube ao senhor Joaquim de Barros, de Barbudo, Vila Verde. Este mesmo senhor também ganhou o 1.º prémio da melhor vaca torina.

O 1.º prémio do melhor cevado pertenceu ao senhor Eugénio Rodrigues Fernandes, e o 2.º prémio tocou ao senhor Delfim Peixoto, de Rendufe, sendo aquele de Lago, todos de Amares. Os principais responsáveis deste certame decidiram que, para o futuro, se realizaria invariavelmente no dia de S. Martinho, 11 de Novembro.

No dia 11 uma charanga percorreu a freguesia tocando as suas melodias típicas enquanto alguns membros da comissão pediam meios para as despesas da festa. No dia 12 teve lugar a missa cantada com solene procissão e o bazar. Este foi — minúsculo em comparação do do ano passado, o que deu origem a um déficit.

Distribuição do correio

Infelizmente não chegou aqui esse benefício da distribuição domiciliar do correio. Alguns perguntam a razão e não sei responder. Tenho a impressão de que, se houvesse colaboração de todos os habitantes, o mal já estaria resolvido. De facto não há entendimento e o bem comum sofre-lhe as consequências. Haverá alguém com interesses neste estado de coisas? Julgo que é possível. É fácil admitir que indo procurar cartas se beba uma pinga, se compre arroz ou açúcar... Pode alguém dizer o contrário, e terá razão. Galileu, condenado, continuou a dizer que a terra se movia!... E por hoje é tudo.

Vosso J. Moreira

ANIVERSARIO

Paços de Ferreira 18 — Em sobraõ passa hoje o aniversário natalício da prenda da menina: Margarida Maria Leão Guimarães filha muito querida do Ex.º Senhor António Guimarães, distinto Comerciante desta Vila

Por tão faustosa data o pessoal da Esquadra n.º 12 apresenta os mais sinceros parabéns, fazendo votos que a mesma se prolongue por muitos anos, com a concretização de todos os seus desejos.

José Silva

Homenagem Nacional AO GENERAL

Fernando dos Santos Costa

A Comissão de Honra informa todas as pessoas interessadas na Homenagem Nacional a prestar ao General Fernando dos Santos Costa que para qualquer esclarecimento que necessitem sobre o assunto devem dirigir toda a correspondência para; Dr. Rui Pereira e Alvim, Rua Dr. Teófilo Braga-58-2.º/esquerdo — LISBOA.

Informa, também, que tem conhecimento de que inúmeras pessoas se dirigiam por escrito para outra direcção, pelo que recomenda que escrevam de novo para a morada acima indicada.

De Caldelas

ESTRADA NACIONAL EM MAU ESTADO

Caldelas, 23 — A Estrada-Nacional 205-3.ª sobretudo a parte que vai de Lamoso à sede do vizinho concelho de Terras Bouro, está a ficar cheia de covas que se enchem de água das chuvas, constituindo um perigo para os veículos-automóveis, e bem assim, para os peões, que são obrigados a percorre-la diariamente.

Urge, portanto, uma grande reparação e não só tapar as covas, como se esta a fazer.

É de lamentar que a via principal duma sede de concelho não tenha ainda uma Estrada-Nacional condigna.

Espera-se que em breve a Direcção das Obras Públicas, consiga verba para o arranjo da referida estrada, que cada dia, se torna mais urgente, dado o grande movimento que tem.

O correspondente,

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Dia 20 — os snrs. António Dias Paredes e José Antunes da Silva.

Dia 22 — os snrs. Domingos do Nascimento Pinheiro e Lúcio Dias.

Dia 23 — a menina Alexandra de Azevedo Dias.

ESTRADA

Caldelas-Paranhos

Decorre o prazo para o concurso da 1.ª fase da estrada Caldelas — Paranhos. Já esta semana os técnicos fizeram o levantamento para a 2.ª fase.

A participação desta 2.ª fase vai já ser pedida.

TRIBUNA LIVRE

Vende-se em Lisboa na INCREMENTUM - Rua Santa Marta, 58-3.º-onde também se recebem assinaturas e publicidade

Visado pela censura

Não posso deixar de admirar

o progresso crescente da vossa Pátria

(Continuação da 1.ª página)

sões da Obra Salesiana em Portugal.

«Não deves só pensar no vosso Ultramar, mas também no Brasil que descobristes, evangelizastes e colonizastes. A hora que passa é difícil e ninguém melhor de que os portugueses, que fizeram essa grande nação, pode ir em seu auxílio.

Até Madagáscar, descoberto pelos portugueses, donde nos chegam pedidos de abertura de casas para a educação da juventude, penso que pode ficar sob a jurisdição da província portuguesa de Moçambique, onde já se contam bastantes obras, com a ajuda de mais algum elemento.

«A ida a Fátima deu-me as maiores consolações. Portugal é um dos países mais felizes do Mundo, por ter sido distinguido pela visita da Mãe de Deus. Lá rezei pelas necessidades da Igreja Católica, da Congregação Salesiana, do vosso lindo país, dos seus governantes e pelo bom êxito do momento difícil que Portugal atravessa.

«Não posso deixar de manifestar a minha gratidão em primeiro lugar ao sr. Presidente da República, ao sr. Ministro da saúde e Assistência e a todas as autoridades civis e eclesiásticas pela forma como me receberam, e igualmente ao sr. Ministro do Ultramar e Subsecretário da Administração Ultramarina.

«Esta visita, em que me foi dado ver que a alma portuguesa é toda ela feita de bondade, gentileza e generosidade, ficar-me-á gravada no mais íntimo do coração, por isso espero voltar a Portugal. Oxalá seja muito em breve.

«Por último, quero agradecer a toda a Imprensa portuguesa a maneira gentil, que muito me sensibilizou, como projectou nas colunas dos jornais a visita do humilde sucessor de D. Bosco. Que ele lá do Céu alcance da Virgem Auxiliadora as mais abundantes bênçãos para toda a encantadora Terra Portuguesa dos quatro continentes, pelos quais está reparada. Muito obrigado por tudo».

No aeroporto compareceram a apresentar cumprimentos de despedida, entre outras pessoas, os snrs. Drs. Baptista de Abreu e Constantino Fontoura, em representação, respectivamente, dos snrs. Ministro da Saúde e Assistência e Subsecretário de Estado da Administração Ultramarina; Padre Armando Monteiro, Provincial-Geral dos Salesianos de Portugal; Prof. Dr. Rosa

de Carvalho; Dr. Dias da Costa, directores de todos os estabelecimentos de ensino salesianos, muitos alunos e ainda todos os professores ligados á obra educadora daquela Congregação.

Antes de subir para o avião que o levou de regresso a Roma, o Padre Renato Ziggotti enviou dois telegramas, um ao sr. Presidente da República e outro ao sr. Ministro da Saúde e Assistência, e cujo conteúdo é do teor seguinte:

«Senhor Presidente da República:

«Deixando saudoso lindo Portugal gratíssimo pela honrosa condecoração conferida ao sr. D. Bosco saúdo respeitosa cordialmente Vossa Excelentíssima esposa Família Paz progresso sempre crescente gloriosa Nação Lusitana. — Renato Ziggotti».

«Senhor Ministro da Saúde e Assistência:

«Partindo nom saudade e admiração pela grandeza progresso belo Portugal penhorado inolvidáveis finezas Vossa Excelência apresento saudações respeitosas cordiais invocando bênçãos celestes Vossa Excelência Ex.ª esposa Ex.ª Governo gloriosa Nação Portuguesa. — Renato Ziggotti».

HUMORISMO

Conversando

— Tenho feito muitos regimes para emagrecer, mas ainda o não consegui.

— Pois eu, quando faço o regime para emagrecer, emagreço mesmo. Mas fico tão contente por ter emagrecido, que engordo outra vez...

No consultório

Médico: — Mas a senhora está bem de saúde. Nada tem. Vai ver que ainda enterra o seu marido...

Cliente: — Obrigada, senhor doutor!... Mas... na verdade... Não diz isso só para alegrar?!...

Leia, Assine

Publique no

«Tribuna Livre»

ROMANCE OU NOVELA?

(Continuação da 1.ª página)

se enlaçarem e lubrificamente dar largas a toda a espécie de sensações materiais.

A princípio sentiu calafrios de receio e de pudor, mas o rapaz que com ela dançava e tinha sido o seu par durante toda aquela noite conseguiu arrastá-la também e na escura solidão dum corredor Cecília sentiu colar-se aos seus os lábios daquele rapaz que pela primeira vez conheceu.

Estremeceu toda e revoltou-se contra si própria por não ter reagido mais e evitado assim um atrevimento com que não contava.

Mas as circunstâncias e a sua inocência assim o prepararam.

Mas o mal foi aquele encontro e aquela transigência porque o rapaz não largou mais as suas intenções de explorar aquela rapariga, vinda da Província e nutrindo ainda conceitos já desaparecidos para ele há muito tempo.

Natália apesar de habituada a frequentar aqueles divertimentos não deu pela saída de Cecília da primeira vez, mas quando foi levada novamente foi ao seu encontro e pôde verificar com os próprios olhos o domínio já exercido sobre ela pelo peralta que apenas há algumas horas lhe tinha sido apresentado.

Quando voltou á sala chamou-a para junto de si e em segredo dissera-lhe que não dançasse mais e pretextasse qualquer má disposição.

Cecília assim fez. Quando o rapaz a veio convidar para dançar recusou-se.

Cecília não pressentiu que a prima tinha observado o que se passara no corredor. Mas esta não perdeu um único promenor e chegou então á conclusão de que a falta de respeito das mulheres por si próprias atingia uma culminância nunca esperada.

Mais do que nunca considerava o seu próprio caso uma banalidade em comparação com o que se ia notando naquela mocidade.

Ela tinha deslizado numa falta irreparável porque a través de muito tempo criara no seu íntimo a certeza de constituir o seu lar tais eram as promessas do seu sedutor e essa foi a razão que a levou a entregar-se, embora com receios. Mas a mocidade não procurava agora a beleza do lar com todos os carinhos, arranjo e finalidades morais e honestas. Deseja com anseio apenas o prazer terreno abstraído por completo o idealismo puro da continuidade da pessoa humana.

Tinham a impressão de que a realidade era o mundo em que viviam e além dele nada mais existia. Materialismo grosseiro e iconoclasta, deixava apenas atrás de si o rasto de sensações passageiras sem objectivo, originando

por vezes, após elas uma melancolia doentia.

Nada havia de superior. Lançavam-se no lamaçal imenso da imoralidade desenfreada e procuravam todos os dias a sua realização fosse da maneira que fosse.

Pelas 5 horas da manhã a festa terminou e os convivas saíram e meteram-se nos automóveis que os aguardavam. Natália e Cecília tinham alugado um carro de praça que as conduziu a casa. O par de Cecílio teimou abstinadamente em as levar no seu luxuoso carro, mas ambas rejeitaram, chegando mesmo a serem indelicadas para tão importuna insistência.

Mesmo assim não deixou de as seguir com o intuito de saber com precisão a sua residência.

Natália teve esse pressentimento e ainda tentou parar na casa de uma família conhecida e mandar o automóvel embora, despistando assim a sua morada, mas ele procuraria através daquela paragem descobrir o que pretendia e desistiu.

Chegadas a casa deitaram-se imediatamente e apenas a criada as pressentiu levantou se e perguntou se desejavam alguma coisa e perante uma resposta negativa voltou novamente para o seu quarto.

No dia seguinte notava-se nos olhos de Cecília que dormira mal a noite. Não estranhou Natália tal facto e sabendo bem qual a sua preocupação procurou tranquilizá-la.

Estavam na sala pequena de trabalhos e Natália obrigou a a sentar-se e puxou para si também uma cadeira e disse-lhe:

— Não pareces bem disposta. No teu rosto adivinha-se uma vaga intranquilidade. Não gostaste do baile? Nunca tinhas assistido, por certo a uma festa igual, pois não?

— Gostei e fica-me sempre gravada na memória aquela noite. Não pelo baile em si, mas por um facto bastante aborrecido que não soube evitar a tempo. Pergunto a mim mesma como se podia ter passado e não encontro uma explicação consciente e séria.

— Eu observei tudo. Não te apoquentes. Mas apenas vais prometer esquecer por completo a pequenina levianidade ocorrida no corredor.

— Mas...

— Sim, Cecília, eu vi tudo...

Continua no próximo número

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

Auxiliai os Bombeiros

V. de Amares

Não há a menor analogia entre o caso de Angola

Continuação da 6.ª página

coisa que não existe, pelo que se pode dizer que todos os países, numa percentagem maior ou menor, são habitados por várias raças. Deixemo-nos de *slogans* sem valor e sem fundamento sério. Acima de tudo, interessa o bem estar, o progresso, o desenvolvimento cultural e técnico das populações, com iguais oportunidades para todos e com igualdade perante a lei. Muitos são partidários de independências políticas meramente nominais para assim melhor assegurarem a manutenção de outras formas de colonialismo, através da penetração económica, ideológica, etc. A estes não interessa o progresso e o bem estar dos povos, mas a possibilidade de continuarem a aumentar a exploração económica dos mesmos. Sejamos, portanto, realistas e em especial sejamos sinceros. Acima de tudo, deve olhar-se a capacidade de cada indivíduo determinar-se consoante as suas faculdades e desejos próprios. Quanto a nós, praticamos colonização, no sentido nobre do termo e como sinónimo de elevação política e social, e isto tanto na Metrópole como no Ultramar, mas não praticamos qualquer espécie de colonialismo. E que objecções válidas se podem levantar contra uma nação fundada numa sociedade multi-racial e pluricultural? Aliás, repare que ninguém ousa discutir a tese portuguesa, e muito menos negá-la: a tese é rejeitada pura e simplesmente, por aqueles que obedecem a conveniências políticas ou a razões de oportunismo».

Fainas agrícolas, no Minho

AS MALHADAS DO TRIGO

(Continuação da 2.ª página)

alqueires de trigo que, naquele dia, vão ser extraídos às palhas e cujo valor capitalizado vai ser parte da receita já orçada para o ano seguinte — ouve os cães de guarda alvoroçados pelo bater apressado, no portal da quinta, de alguém que àquela hora procura a sua casa para algum fim.

— São os malhadores! — diz lá para os seus botões o lavrador abastado e prudente — imagem perfeita das patriarcais figuras, nas aldeias minhotas — que, com meia dúzia de passos largos e rápidos (galharda perícia em quem já ultrapassou a casa dos setenta), atinge a ombreira do portal onde, com a frase adrede engatilhada e confiando a suíça branca a pender sobre o peitilho engomado

A Guiné Portuguesa

(Continuação da 1.ª página)

procurou sublevar os chefes fulas contra nós.

Depois de descobertos os torpes designios do truculento chefe indígena, o Comandante da Praça de Geba, tenente Proença Fortes, exigiu-lhe a entrega de todo o material em seu poder, que foi devolvido, mas o potentado negro jurou vingá-lo e do brio Oficial e a ocasião não se fez esperar.

O tenente Proença Fortes e o alferes Baeta, em 29 de Maio de 1907, indo em serviço à tabanca (sanzala) de Sambel Nhanta, foram cercados, por ordem de Infali Sancó.

O alferes Baeta foi agredido com uma violenta pancada que o derrubou e o tenente Proença Fortes foi preso e maltratado e só foi posto em liberdade, algumas horas depois, por influência do comerciante Pedro Moreira, que ainda conheciam Bissau.

Quando um núcleo de indígenas se considerava suficientemente forte em relação às nossas deminutas forças cercava-as e procura exterminá-las, com requintes de selvejaria, o que, infelizmente, algumas vezes aconteceu.

Em 5 de Fevereiro de 1914, o alferes Manuel Augusto Pedro, Comandante do Poletão, aquartelado em Mansoa, foi com uma força, composta de três cabos europeus e vinte soldados indígenas, em passeio a Brai, e com o fim de, ao mesmo tempo, escolher o terreno que melhor se prestasse para construir um pontão sobre o rio Bambi.

Depois de atravessar o referido rio, os balantes de Brai e de Bambi, cercaram a força e atacaram-na, matando o Comandante e um Cabo europeu, a tiro, e obrigaram a restante força a refugiar-se no rio, onde

se atulou no lodo, sendo em seguida massacrada, escapando, com dificuldade, cinco soldados indígenas e o balanta Fuma, que era interprete e guia.

A 29 de Março do mesmo ano, 49 combatentes irregulares perderam, também, a vida nesse fatídico lugar, pois foram selvaticamente atacados e mortos pelos balantas.

Os papeis do Xuro, na ansia de se vingarem da Coluna do Comando do Governador Sobral Martins, que em 1904 os bateu, enviaram emissários ao Administrador de Cacheu, alferes Nunes, em Dezembro de 1913, dizendo que estavam prontos a pagar o imposto de capitação, desde que aquela autoridade administrativa fosse fazer, pessoalmente, o arrolamento das palhotas e a respectiva cobrança.

O alferes Nunes, apesar da opinião contrária da população de Cacheu (que desconfiava de cilada) resolveu ir cumprir o seu dever, tanto mais que um comerciante daquela Praça se prontificara a acompanhá-lo, asseverando-lhe que estava em boas relações com o gentio em questão.

O Administrado de Cacheu seguiu num barquito a motor com alguns guardas e o referido comerciante, aportando a Coroénque.

Manuel Rodrigues de Sousa, o comerciante, desembarcou primeiro e foi parlamentar com os indígenas; estes, mal o apanharam às mãos degolaram-no imediatamente e em seguida, em massa compacta, dirigiram-se ao porto em som de guerra.

Por infelicidade o motor do barquito avariara-se e os indígenas atacaram a pequena força indefesa e massacraram-na, salvando-se, apenas, dois guardas que conseguiram fugir.

Continua no próximo número

Condições de Assinatura

Continente

Ano	50\$00
Semestre	25\$00

Ilhas

Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00

Brasil

Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00

Estrangeiro

Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

Eram expressões muito próprias do pândego Domingos Brás que galanteava, ao mesmo tempo que ingeria, do cálice de cristal, o último gole. A criada agradece o dito do galanteador, com um leve sorriso, e logo desaparece, por entre as duas alas de murto, em direcção à cozinha.

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

Antigo Padroado de Rendufe Zaragata em S. Paulo

e medido na cabeça do Norte tem de largo vinte e duas varas, por onde parte por parede com José Soares, terra foreira a Rendufe; e medido outra vez ao comprido pelo Nascente tem quarenta e quatro varas e meia, parte com duas medições. Logo abaixo, e só para o fim parte com terra de Manoel Antunes, de Santa Marta de Lago, que he a leirinha da Cancellia, foreira a Rendufe; dentro desta medição ficam as casas da residencia com sua varanda para o Sul, e porta e latas para o Nascente, e por baixo fica a loja destas, que serve de casa de renda;

Item mediram mais elles Louvados, logo para a parte do Norte ao Nascente da medição acima pegado nella da parte de fora, uma leirinha de terra pertença deste passal, que corre de Norte a Sul, que medida na cabeça do Norte tem de largura duas varas e meia, por onde parte com terra de Thomaz Ferreira da Igreja, terra de Rendufe, e medida ao comprido pelo meio tem quatorze varas, e medida na cabeça do Sul tem duas varas e meia, por onde parte a medição abaixo, parte do Nascente com Thomaz Ferreira da Igreja e do Poente com a medição acima, da residencia. Levará de sementeira meio quarto de centeio possui o Reverendo Vigário como passal da igreja.

Item mediram mais elles Louvados logo pegado ao Sul da medição acima, outra leira pretença deste passal, a qual corre do Nascente a Poente, que medida ao comprido pelo Norte tem quarenta e oito varas, por onde parte por parede com a medição acima e com Thomaz Ferreira da Igreja, terra de Rendufe, e depois por marcos com Manoel Martins da Quintam, terra de Rendufe; e medida outra vez ao comprido pelo Sul, tem quarenta e oito varas por onde parte por marcos com a leirinha da Cancellia foreira a Rendufe, que possui Manuel Antunes do lugar de Santa Martha da freguesia de Lago, e medida na cabeça do Poente tem vinte varas, por onde parte por parede com o eido da residencia; levará de sementeira um alqueire, tem duas oliveiras para o Nascente, a qual possui o Reverendo Vigário como passal da igreja; e feita assim a dita demarcação e confrontação do dito passal e da dita residencia, mandou e houve este acto por concluido, e assignou com elles Louvados e o Reverendo Vigário e o Reverendo Padre Procurador de como aceitou este acto de reconhecimento em nome do dito seu Mosteiro, de que para constar fiz este termo... (Segue-se **Conclusos e Termo de publicação.**)

Auto de Reconhecimento que fazem o Juiz e homens do acordo da freguesia de Barreiros — Aos quatro dias do mez de Abril de mil setecentos oitenta e seis annos, em este lugar da Cova que é da freguesia da Santissima Trindade da Capella, e casas da morada do Doutor José Antonio da Motta Gomes, ... pelo Reverendo Padre Pregador Frey Manoel de Santa Gertrudes Procurador deste Tombo foi requerido que trazia citados a Manoel Gonçalves Ferreira do Eido de cima, Juiz do Sucino da freguesia de Barreiros e os *homens das fallas* Manoel Antunes Ferro do lugar da Quintam e Manoel Antunes Ferreira do lugar de Villar, e Francisco José Correia do lugar da Portella, e Mathias Ribeiro do lugar de Queirões, e Antonio da Costa e Francisco Ferreira do lugar de Passos, todos da freguesia de Barreiros, em nome de Seos constituintes para declararem quem collocara o Senhor na dita igreja e o venerava de sua fabrica e azeite, e quem venerava o corpo da igreja de todo o necessario, desde a capella-mór para baixo, e os mais usos, para que como officiaes da Confraria do Socino da dita freguesia de Barreiros o declarassem e reconhecessem essa obrigação; que os mandasse apregoar, dando eu Escrivão fé que os citara; o que visto e ouvido por elle Doutor Juiz do Tombo... os mandou apregoar, que com effeito o foram em alta e intellegivel voz pello Porteiro do Tombo, que deu fé appareceram, e estando presentes, por elles todos juntos e cada um de per si *in solidum* foi dito e declarado que o uso que havia na mesma igreja do arco cruzeiro para baixo, a saber, o altar do Santissimo Sacramento que se acha em o altar collateral; e a veneração de tudo, menos a umbella, e campañha e vazos; e as lanternas dá o Mosteiro, padroeiro uma, e a freguesia outra; e dá mais o Mosteiro duas vellas para acompanhar o Santissimo quando vai fora; e dá mais uma vella para assistir aos baptizados e recebimentos, e a freguesia outra; e o Sino da freguesia somente esta tocava as primeiras duas vezes

* As reticências evitam escusadas repetições.

(Continua no próximo número)

Continuação da 6.a página

do sr. governador do Estado. o Brasil assumiu no plano internacional uma posição vinicamente anticolonialista. Pela palavra do seu Ministro das Relações Exteriores e através das intervenções do chefe da sua delegação á Assembleia Geral da O. N. U., manifestou-se já repetidas vezes favoravelmente á independência dos povos oprimidos pelo colonialismo português e, particularmente, ao direito de Angola á autodeterminação. Por outro lado, a Nação está sentimentalmente ao lado dos que lutam pela liberdade na grande colónia lusa.

Como explicar, assim, a atitude das autoridades? Como justificar as agressões verificadas? Não se limitaram a isolar um sector, a prender umas dezenas de pessoas. Foram mais longe: espancaram quantos se manifestaram no Ibirapuera a favor da independência de Angola. Mas não tocaram, em contrapartida, nem só dos muitos portugueses salazaristas que, dirigidos por uma velha harpia, agrediram os manifestantes. Permitiram mesmo que essas agressões se consumassem.

Virá um dia—e espero que ele não tarde—em que todos compreenderão neste grande país que ninguém serviu melhor a causa da aproximação entre o Brasil e a África do que aqueles que vêm de há muito denunciando publicamente os crimes do colonialismo português em Angola. Vou mesmo mais longe. O que se passou no Ibirapuera na noite de terça-feira, o simples facto de—o que acontece pela primeira vez fora do continente negro—haver sido desfraldada a bandeira vermelha-ouro e negro da Revolução Angolana calará mais fundo, comoverá mais profundamente milhões de africanos do que todas as declarações officiais de anticolonialismo feitas até hoje. Conheço a sensibilidade dos ari-

canos, a maneira de reagir das novas gerações revolucionárias. Quantos anteontem foram espancados não serviram apenas as causas de Angola e de Portugal: serviram também o Brasil. Quem o desserve são aqueles que recolhem dinheiro brasileiro que se destina, em última análise, a fazer correr mais sangue angolano. E igualmente o deservem autoridades incapazes de, ao menos, agir em conformidade com a própria linha traçada pelo Governo da República. Não é o sr. Carvalho Pinto um homem que tenha a vocação da violência. Estou certo de que elle repugna e de que desaprova totalmente as brutalidades verificadas no Ibirapuera e que só não foram maiores

e não tiveram seguimento porque o delegado Alcides Cintra Bueno Filho, numa atitude de homem civilizado que muito o dignifica, desautorou ás violências praticadas, repreendendo, inclusive, alguns dos seus subordinados mais frenéticos.

Tudo pelo «crime» de se pedir em público INDEPENDÊNCIA PARA ANGOLA! Os espancamentos de anteontem não são apenas um desmentido oferecido pelos seus autores á politica anticolonialista do Brasil: são também uma prova de que nas corporações em causa há elementos que jamais nelas deviam ter sido admitidos.

Transcrito do Jornal
A VOZ

SEMPRE OS MESMOS

Depois de ler um artigo dum tal Urbano, num jornal brasileiro.

Miguel Urbano Rodrigues,
Por muitas coisas que migues
Nêsse bestunto traidor:
Só uma coisa sai certa,
Aquele que lá desperta
O vosso ódio ao Amor.

Miguel Urbano Rodrigues.
É preciso que te obrigues
A deixar de ser bandido...
E se voltares a escrever
Sê urbano a valer,
Isto é; mais comedido.

Tenho pena que os tabefes
Não fossem dados por chefes
Já no box peritos;
Pois se fossem mais potentes
Saltar-te-iam os dentes
Tão danados e malditos.

UERBA

PORTUGAL não tenciona exercer represálias contra os países que na ONU votarem contra a sua política ultramarina

Continuação da 6.a página

tente para resolver os grandes problemas mundiais. Por isso a União Soviética já declarou que não cumprirá qualquer resolução da ONU que afecte os seus interesses. O mesmo tem feito a Índia. Quando os interesses nacionais de outros grandes países forem afectados eles farão idêntica declaração. Tudo isto porque a Carta não é cumprida, e a sua ideologia foi, infelizmente, abandonada. Se os grandes e poderosos não cumprem, por que havemos nós de nos submeter? Mas voltando à pergunta, não, não

vamos promover represálias. Sentiremos grande mágoa, sem dúvida, se determinados países adoptarem uma posição desfavorável sobretudo aqueles cujos verdadeiros interesses coincidem com os de Portugal e que não são melhor protegidos pela obediência á ditadura verbal a que aludi. Mas conforta-nos a ideia de que a atitude assumida na ONU não corresponde á atitude real dos Governos e ainda a certeza de que a confusão actual e a actual demagogia não se poderão manter durante muito tempo.»

Vidas Exemplares

Amato Lusitano

(Continuação da 1.a página)

lo Branco e é sobretudo a outro digno filho, o illustre e fecundo escritor Dr. José Lopes Dias, que se deve a auréola de grandeza que envolve a memória daquele saudoso médico português do século XVI, pois Lopes Dias reveste-o nos seus trabalhos daqueles foros de beleza imortal a que tem jus, para maior grandeza de Castelo Branco e por isso mesmo de Portugal e até do Mundo.

Zaragata em S. Paulo

«O Estado de S. Paulo», de 26 de Outubro findo, insere uma extensa carta do jornalista Miguel Urbano Rodrigues, português de nascimento e actualmente a residir no Brasil.

É um lamentável documento, derivado ainda dos acontecimentos ocorridos no Ginásio Ibirapuera, aquando do encontro com a selecção angolana de hóquei em patins, que nos referimos, há dias, em editorial.

Vamos transcrevê-lo na integra. Entendemos que deve ser transcrito na integra, para se ver até que ponto é possível descer e afundar-se um homem. Não fazemos mais comentários. O leitor julgará por si, por si ajuizará.

Em minha vida de jornalista enfrentara já em vários países e multiplas ocasiões a brutalidade e a estupidez de policiais que fazem da violência uma profissão de fé que é o seu único código de honra.

Faltava-me realizar essa experiência no Brasil. Vivi-a anteontem no Ginásio Ibirapuera. O que mais me penaliza não é, entretanto, o facto de haver sido covarde e repetidamente agredido por um investigador branco, nem mesmo a inaudita violência com que foi dissolvida a pacífica manifestação de protesto de que participava juntamente com algumas dezenas de emigrados políticos portugueses e de estudantes brasileiros e hispano-americanos. O que, sobretudo, me desola é a motivação do gesto das autoridades.

Não estávamos ali para provocar desordens. O nosso comparecimento tinha o significado de uma denúncia. Apenas isso. Apresentava-se em São Paulo um grupo desportivo português dentro do programa da campanha de mistificação sobre a guerra de Angola desencadeada no Brasil pela ditadura salaza-

riana. Era o mito da Angola portuguesa, da Angola branca trazido até nós por um punhado de moços transformados em instrumento de uma política de genocídio que foi condenada na O. N. U. por todas as nações ali representadas com excepção da África do Sul, da Espanha e da Bélgica...

Era uma festa desportiva? Sem dúvida, mas uma triste festa estrelada por rapazes nascidos em Portugal e metamorfoseados à pressa em angolanos. Uma festa que não podia de maneira alguma fazer-nos esquecer os 100.000 angolanos —esses sim autênticos—abatidos como animais em poucos meses pelo Exército Colonial de Salazar e os 150.000 desgraçados que, para escapar à idêntica sorte, tiveram de se refugiar no Congo.

Daí os nossos gritos de protesto, daí os volantes denunciando a manobra salazariana, daí a apresentação no recinto da bandeira da Angola Revolucionária, uma bandeira que é um símbolo da epopeia de uma terra martirizada.

A nada disso atenderam as autoridades. Nem sequer lhes terá passado pela cabeça que neste mesmo momento uma das entidades promotoras do espectáculo organiza em São Paulo uma subscrição «a favor das vítimas do terrorismo». Não lhes terá tão-pouco ocorrido que as dezenas de milhões de cruzeiros que daqui serão enviados ao sr. Salazar não vão servir para mitigar a miséria de algumas viúvas de guerra mas sim para comprar armas destinadas a matar mais angolanos...

O que me dói não são os socos recebidos de um energúmeno cuja permanência nas fileiras de qualquer corporação policial é uma mancha; o que

mais me entristece não é tanto a fúria policial em si, as brutalidades cometidas contra os companheiros e amigos que ali estavam pelo mesmo motivo que eu. O que me deixa, simultaneamente perplexo e revoltado é a gratuidade da opção policial, o seu significado. Porque houve uma opção! As pancadas e os pontapés cujas marcas ainda conservo demonstram-no com clareza. Não fomos apenas presos: fomos agredidos sem a menor justificação pelos próprios elementos que fizeram as detenções. É para esse facto que chamo a atenção

Continua na 5.a página

PORTUGAL

Não tenciona exercer represálias contra os países que na ONU votarem contra a sua política ultramarina

Afirmou numa entrevista ao «Globo», do Rio de Janeiro, o Ministro dos negócios estrangeiros Portugueses

O Governo não tenciona exercer represálias sobre os países que votaram contra Portugal na ONU, até porque ela se tornou um organismo artificial, encerrado na sua torre de marfim, completamente divorciado dos interesses e dos verdadeiros problemas mundiais—afirmou o Ministro dos Negócios Estrangeiros português, dr. Franco Nogueira, ao jornal «O Globo», em entrevista concedida em Lisboa ao seu enviado especial Pedro Coury, e que o diário brasileiro publica com relevo, sob título a três colunas.

Não há a menor analogia entre o caso de Angola e o de outros territórios da Africa

Interrogado sobre porque motivo tem sido o problema de Portugal em Angola equacionado de maneira diferente do de outros países na África, respondeu o Ministro português:

«É completamente diferente, com efeito. Não há a menor analogia entre o caso de Angola e o de outros territórios da África que dependeram ou dependem de países europeus. Nenhum país europeu jamais se pro-

pôs os mesmos objectivos que Portugal tem prosseguido no Ultramar. Nunca nenhum se propôs alcançar uma fusão sociológica, cultural, política, moral, entre todos os territórios com uma base de absoluta igualdade e assenta numa sociedade multi-racial. Neste sentido, Angola não depende da Metrópole, como não dependem Moçambique, Cabo Verde, Timor, Goa ou qualquer outra província ultramarina: são partes de um bloco sólido e indivisível. Separação geográfica e irrelevante, porque a Geografia por si só não constitui nem nega direitos, e não se pode sobrepor a outros valores humanos, morais, espirituais. De outro modo, como seria norte-americano o Alasca? Ou como poderiam formar um só país o Paquistão Ocidental e Oriental? E se é a distância geográfica que denota a colónia, a partir de que distância passa um território a ser colónia ou deixa de o ser? Ou quer-se sugerir que um território constitui colónia por ser em grande parte habitado por uma raça diferente de outro com que tem laços morais e políticos? Mas este seria um critério racista, e portanto inaceitável, além do que implicaria a ideia de que poderão existir situações coloniais nos países, mesmo geograficamente unitários que são habitados por mais de uma raça. Seria absurdo e, para mais, raça pura é

Prossequindo, declarou o dr. Franco Nogueira:

«A ONU é um organismo onde se exerce uma ditadura verbal por parte de países que não representam as forças mundiais em recursos humanos nem materiais, nem económicos, nem políticos. Uma organização destinada, segundo a Carta, a regular interesses supranacionais ou internacionais está hoje a pretender intervir no domínio dos interesses nacionais, e isso porque tem sido absolutamente impo-

Continua na 5.a página

(Continua na 4.a página)

PERGAMINHOS DE CASTRO

Por D. S.

Memorial de Montebelo

«Continuação da Vida de D. Aleixo de Menezes»

o prémio de suas mortes. Dito isto tornou em si o converso cheio de alegria de ver o Céu povoado de tantas almas, sem a lembrança da perda temporal do Reino. Foi referir tudo isto ao Prior que, por não dar a nova ao Cardeal, da perda, a diferiu até aquele tempo em que não havia para dissimular, pois Deus lhe mostrara o mesmo por caminhos diferentes, e assentaram que se calasse até verem o que sucedia. Foi avisado o Cardeal em breve, por via dos Padres da Companhia, da derrota e destruição de El-Rei, e partiu para Lisboa para tomar a coroa do Reino. Tudo isto ouvi por muitas vezes ao mesmo Frei Guilherme, e o tenho escrito e firmado da sua própria mão; e perguntando ao converso algumas vezes o modo da visão e alguns particulares dela, me respondeu com sua súplicidade! «Senhor, isto assim se passou, mas em boa verdade que me não lembro mais que isto que vós sabeis:

Cap.º XIX—De outras visões que houve no dia da perda de El-Rei D. Sebastião, por onde se soube dela no mesmo dia.

No mesmo dia, em um mosteiro de Cos, que está nos mesmos coutos de Alcobaça, havia uma Abadeça de vida inculpável e costumes santos, chamada D. Benta de Aguiar, de quem o Cardeal tinha grande conceito e a quem mandou encomendar que orasse pelo sucesso da jornada de África e pela vida e saúde de El-Rei, a qual o fez com particular cuidado, tomando as Almas por Advogadas, com as quais tinha devoção particular, razão de por elas dar esmolas e fazer outros sufrágios e obras meritórias; e como nesta ocasião multiplicasse as esmolas e penitências para que Deus se lembrasse de El-Rei e de seu exército, ficando no côro algumas noites, sem dormir, em oração, mais que en-

costada em uma cadeira, quando o sono apertava, aquela mesma noite em que se deu a batalha, estando meio dormida e não bem esperta, ouviu uma voz que dizia: *beati mortui qui in Domino moriuntur* e atrás dela se lhe representava um campo cheio de corpos mortos, desprezados e envoltos em seu sangue, de que houve tamanho horror que lhe pareceu não podia viver muito espaço; e logo tornou a voz a dizer: *júdictia Domini*... e levantando ao Céu os olhos, donde a voz saía lhe parecia vê-lo aberto e dentro um exército inumerável de gente vestida de branco com plumas nas mãos, e tornou a ouvir a voz que dizia: *modo coronatur*, e acabando-se com isto a visão, ficou entendendo a serva de Deus que o exército cristão se desbaratou e era aquele que se lhe mostrou envolto em seu sangue próprio, e que aquelas almas gloriosas eram as que deixaram os corpos despedaçados pela fé de Cristo e naquela hora iam a gozar do prémio eterno. E mandando pela manhã aviso ao Prior de Alcobaça, que tinha cousas de sua alma que lhe comunicavam, e lhe conjecturando o que era, mandou um religioso mui espiritual e de virtude conhecida, chamado Frei Francisco de Santa Clara, para que soubesse o que o Prior queria, ao qual o comunicou com todo o segredo, e ele ao Prior e Cardeal, a que se publicou mais a opinião de ser perdido El-Rei, mas tiveram entre si em segredo os poucos dias que tardou a nova da destruição.

D. Leonor Mascarenhas, fundadora do Mosteiro de Madrid, dama que foi da Princesa D. Maria, primeira mulher de Filipe segundo, que foi senhora de singular virtude e de muita oração mental, e que alcançara favores particulares de Deus, tendo noticia desta jornada de El-Rei, se afligira muito, encomendando-o a Deus por um retrato de El-Rei D. Sebastião encostado no calvário, para com sua vista incitar, e pedir a Deus misericórdia para ele em suas cousas; e, como continuasse em sua devoção véspera de N. Senhora das Neves, que era o próprio dia da perdição, estando de joelhos diante do crucifixo, com a lâmina do retrato encostada na cruz, ouviu uma voz que lhe pareceu ser da imagem de Cristo, que disse *consumatum est*; e não se fiando de si mesma, olhou se por ventura havia alguém na casa que o dissesse, e vendo que não havia ninguém, levantou-se triste e teme-

(CONTINUA)